

LVCERNA

HOMENAGEM A

D. DOMINGOS DE PINHO BRANDÃO



MINISTÉRIO DA CULTURA / DELEGAÇÃO R. DO NORTE
CENTRO DE ESTUDOS HUMANÍSTICOS

PORTO — 1984

**DATAS DE C14 PARA O MEGALITISMO
DO NORTE DE PORTUGAL:
BREVE NOTA**

Por VÍTOR OLIVEIRA JORGE *

Nesta nótula consideraremos as datas de C14 actualmente existentes para os monumentos megalíticos do Norte de Portugal, incluindo as da Beira Alta, conforme quadro seguinte:

Monumento	Tipo	N.º Amostra	Data a. p.	Data a. C.	Comentário
Mamoa 3 Outeiro Ante (Baião)	Dólmen simples	GIF-4857	5.780 ± 80	3.830 ± 80	Carvões provenientes do «tumulus»
Idem	Idem	GIF-4858	5.540 ± 90	3.590 ± 90	Idem
Mamoa 2 Outeiro Gregos (Baião)	Idem	KN-2768	5.500 ± 70	3.550 ± 70	Idem
Mamoa 3 Outeiro Gregos (Baião)	Idem	KN-2766	5.230 ± 75	3.280 ± 75	Idem
Idem	Idem	KN-2765	5.200 ± 65	3.250 ± 65	Idem
Orca dos Castenairos (V. N. de Paiva)	Dólmen de corredor	GrN-4924	5.060 ± 50	3.110 ± 50	Carvões provenientes do fundo da câmara
Mamoa 2 Outeiro Gregos (Baião)	Dólmen simples	CSIC-547	4.950 ± 50	3.000 ± 50	Carvões provenientes do paleossolo sob o «tu- mulus»

* Instituto de Arqueologia, Faculdade de Letras do Porto — R. do Campo Alegre, 1055 — 4100 Porto.

Monumento	Tipo	N.º Amostra	Data a. p.	Data a. C.	Comentário
Orca de Seixas (Moimenta da Beira)	Dólmen de corredor	GrN - 5734	4.900 ± 40	2.950 ± 40	Carvões provenientes da camada inferior da câmara
Carapito 1 (Aguiar da Beira)	Idem	GrN - 5510	4.850 ± 40	2.900 ± 40	Carvões provenientes do fundo da câmara
Mamoã 3 Outeiro Ante (Baião)	Dólmen simples	GIF - 4856	4.800 ± 80	2.850 ± 80	Carvões provenientes do «tumulus»
Orca dos Castenairos (V. N. de Paiva)	Dólmen de corredor	GrN - 4925	4.610 ± 50	2.660 ± 50	Carvões provenientes do interior da câmara (camada de terras negras, situada acima da camada de base)
Carapito 1 (Aguiar da Beira)	Idem	GrN - ?	4.590 ± 65	2.640 ± 65	Carvões provenientes da câmara, numa zona próxima do corredor, situada acima da camada da base.
Mamoã 4 Meninas do Crasto (Baião)	«Megálito» não conservado	GaK-10943	4.220 ± 140	2.270 ± 140	Carvões provenientes do solo antigo subjacente ao «cairn»
Mamoã 3 Outeiro Ante (Baião)	Dólmen simples	GIF - 4859	4.090 ± 120	2.140 ± 120	Carvões provenientes do «tumulus»
Mamoã 3 Outeiro Gregos (Baião)	Idem	KN - 2767	2.510 ± 65	560 ± 65	Carvões provenientes do fundo da câmara (camada de violação)

Perante o quadro apresentado, um conjunto de considerações se nos impõem:

— as quatro datas obtidas para a Mamoã 3 de Outeiro de Ante (Serra da Aboboreira, Baião) (JORGE, 1980a) são de encerrar com a maior reserva. De facto, mostram importantes desfasamentos entre si, mau grado as condições de rigor com que foram recolhidas as respectivas amostras, e o facto destas provirem de áreas circunscritas, provavelmente correspondentes a fogueiras feitas sobre o «tumulus», a várias cotas (podendo então esperar-se que fossem aproximadamente contemporâneas). Ficamos assim reduzidos a duas explicações para tais desfasamentos: ou rejuvenescimentos, devidos à presença de raízes a todos os níveis da mamoã

(facto que se observa na generalidade dos monumentos con- géneres), ou contaminações de carvões mais antigos exis- tentes nas terras que compõem o «tumulus», carvões esses que também são lugar-comum nas mamoaas escavadas na Aboboreira; de qualquer das formas, a indeterminação, quanto à época provável de construção do monumento, subsiste. Afastámos, como se viu, uma última possibilidade, que seria a de a mamoa ter sofrido reconstruções ou quais- quer remeximentos importantes ainda em época pré-histó- rica, o que nos não parece verosímil, dada a homogeneidade estratigráfica que o monumento apresentava;

- a data de 3 550 a. C. para carvões recolhidos nas terras «in situ» do «tumulus» n.º 2 de Outeiro de Gregos também não oferece garantias. De facto, dado o exemplo anterior, natu- ral é que suspeitas recaiam sobre uma data isolada; por outro lado, o paleossolo existente sob o contraforte da câmara do mesmo monumento revelou-nos carvões, em condições estratigráficas perfeitamente seguras (nível selado por um piso de saibro calcado) (JORGE, 1980b) que foram datados de 3 000 a. C., podendo assim tal data (que, no entanto, tudo aconselha a que venha a ser testada por outras de igual proveniência) considerar-se um «terminus post quem» para para a construção da mamoa;
- as duas datas mais antigas obtidas para a Mamoa 3 de Outeiro de Gregos (JORGE, 1982a), embora se refiram a amostras recolhidas no «tumulus», distam entre si de apenas 30 anos, parecendo, portanto, confirmarem-se mutuamente, o que nos permitiria situar a construção desta mamoa pelo 3.º quartel do IV milénio a. C.;
- os três túmulos de corredor datados na Beira Alta situar- se-iam, em termos de construção ou utilização primária, nos finais do IV, inícios do III milénio a. C.;
- Os monumentos baixos de tipo «cairn», como os de Outeiro de Gregos 1 e 5, e o n.º 4 de Meninas do Crasto, parece serem, pelo menos na Aboboreira, bastante tardios, estando com probabilidade ligados a um simbolismo diferente do dos monumentos «megalíticos» propriamente ditos (pouco desta- que na paisagem, estruturas internas de pequenas dimensões ou mesmo inexistentes, etc.).

A segunda metade do IV milénio é pois, para já, a época mais recuada em que podemos situar a construção, quer de pequenos dólmenes, como Outeiro de Gregos 3, quer de monumentos de grande porte, como a Orca dos Castenairos.

Para lá desta constatação evidente, muitos são os problemas que se levantam quanto à cronologia dos dólmenes do Norte de Portugal (KALB, 1981; JORGE, 1982a), sendo óbvio que, por enquanto, não é possível estabelecer uma teorização geral da questão, quer no que toca às arquitecturas em si (ordem de aparecimento dos diversos tipos, sua contemporaneidade parcial ou total, etc.), quer no que se refere à articulação entre essas arquitecturas e os espólios, particularmente escassos nos monumentos já escavados a norte do Douro. Na Aboboreira, por exemplo, o polimorfismo dos monumentos — por vezes surpreendente, dada a vizinhança espacial dos mesmos, como acontece em núcleos como o de Outeiro de Gregos (JORGE, 1982b) — associado ao facto dos espólios raro surgirem em posição estratigráfica que os permita relacionar com as arquitecturas, dificulta a inserção dos nossos dados nessas teorizações de conjunto. Precisamos de muito mais trabalho de campo, dirigido para a análise sistemática de necrópoles inteiras, e não de monumentos isolados. E assim, à medida que formos esclarecendo a cronologia, iremos também repondo o estudo do fenómeno megalítico em novas bases, mais consentâneas com uma visão antropológica, e não só «estratigráfica», do passado.

BIBLIOGRAFIA

- JORGE, Vítor Oliveira (1980a), Escavação da Mamoa 3 de Outeiro de Ante (Serra da Aboboreira, Baião), *Actas Seminário Arqueologia Noroeste Peninsular*, vol. I, pp. 41-69;
- Idem (1980b), A Mamoa 2 de Outeiro de Gregos (Serra da Aboboreira — Baião), *Rev. Guimarães*, XC, pp. 191-209;
- Idem (1982a), *Megalitismo do Norte de Portugal: o distrito do Porto — os monumentos e a sua problemática no contexto europeu*, Porto, Dissert. doutoramento apresentada à Fac. de Letras;
- Idem (1982b), A Mamoa 5 de Outeiro de Gregos, um «tumulus» não megalítico da Serra da Aboboreira, *Arqueologia*, 6, pp. 32-39;
- Idem (1983a), Escavação das mamoas 2 e 4 de Meninas do Crasto — Serra da Aboboreira, Baião, *Arqueologia*, 7, pp. 23-29.
- Idem (1983b), Uma data de radiocarbono para a Mamoa 4 de Meninas do Crasto (Baião), *Arqueologia*, 8, p. 23.
- KALB, Philine (1981), Zur relativen chronologie portugiesischer megalithgr äter, *Madri der Mittheilungen*, 22, pp. 55-77.